



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS – INGLÊS E SUAS LITERATURAS

HYGOR RODRIGUES BRASIL DE ALENCAR

**EXPERIMENTAÇÕES TRADUTOLÓGICAS NA OBRA
CUCHULAIN OF MUIRTHEMNE DE LADY GREGORY.**

Araguaína - TO

2021

HYGOR RODRIGUES BRASIL DE ALENCAR

**EXPERIMENTAÇÕES TRADUTOLÓGICAS NA OBRA
CUCHULAIN OF MUIRTHEMNE DE LADY GREGORY.**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína - CIMBA, Curso de Letras – Inglês para obtenção do título de graduado e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus

Araguaína - TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A368e Alencar, Hygor Rodrigues Brasil de.
Experimentações Tradutológicas na obra Cuchulain of Muirthemne de Lady Gregory.. / Hygor Rodrigues Brasil de Alencar. – Araguaína, TO, 2021.
25 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2021.
Orientadora : Andrea Martins Lameirão Mateus
1. Tradução Literária. 2. Estudos Irlandeses. 3. Lady Gregory. 4. Renascimento Irlandês. I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

HYGOR RODRIGUES BRASIL DE ALENCAR

EXPERIMENTAÇÕES TRADUTOLÓGICAS NA OBRA CUCHULAIN OF MUIRTHEMNE DE LADY GREGORY.

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína – CIMBA, Curso de Letras-Inglês para obtenção do título de graduado e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora



Prof. Dr. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFNT



Prof. Dr. Valéria Costa Medeiros, UFNT



Prof. Ellen Cristiny Gomes Maciel, (Mestranda, PPGL)

Araguaína – TO, 2021

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo promover discussões acerca do campo de estudos da tradução, enfatizando as especificidades da tradução literária. Em seguida, utilizar os conceitos discutidos como recurso para analisar experimentações tradutológicas em um conto da obra **Cuchulain of Muirthemne** de Lady Augusta Gregory para a língua portuguesa. Trata-se inicialmente de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com um breve levantamento dos estudos referentes à teoria tradutória, a obra de Lady Gregory e seu impacto para o movimento nacionalista irlandês do início do século XX. Em posterior momento, a atividade tradutória é colocada em prática, trazendo para a pesquisa uma abordagem artística. Para tal feito, o arcabouço teórico aborda reflexões sobre tradução enquanto ciência (Edwin Gentzler), especificidades da tradução literária (Paulo Henriques Brito) e as reflexões de Lawrence Venuti e Susan Bassnett no viés da tradução pós-colonial, seguido de conhecimentos sobre o texto literário traduzido, seu histórico e contexto, bem como a cena literária que o produziu. Por fim, são feitas reflexões sobre o processo de tradução de um dos contos da obra.

Palavras-chaves: Tradução Literária. Estudos Irlandeses. Lady Gregory.

ABSTRACT

The present work aims at promoting the debate on the field of translation, more specifically Literary Translation, followed by an experiment in translation using those concepts to analyse said experiment. The focus of our translation is a tale within the book **Cuchulain of Muirthemne** by Lady Augusta Gregory to the Portuguese language. Initially, it is a bibliographical work, briefly revising the relevant literature on Translation Studies, Lady Gregory's work and impact to the Irish Nationalist Movement in the beginning of the 20th Century. Afterwards, the translation activity is exemplified in practice, bringing to the research an artistic approach. For such purpose, our theoretical framework addresses reflections on translation as a scientific pursuit (Edwin Gentzler), specificities of Literary Translation (Paulo Henriques Brito) and thoughts on Post-Colonial Translation (Lawrence Venuti e Susan Bassnett). Next, we will present research on the translated original, its history and context, as well as the literary scene that produced it. Finally, we will present our considerations on the process of translation and the results achieved with the final text.

Keywords: Literary Translation, Irish Studies, Lady Gregory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	TRADUZINDO LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	10
3	LADY GREGORY, CUCHULAIN E O RENASCIMENTO IRLANDÊS.....	14
4	EXPERIMENTAÇÕES TRADUTOLÓGICAS NA OBRA DE GREGORY: ALGUMAS REFLEXÕES	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS.....	21
	APÊNDICE A.....	22

1 INTRODUÇÃO

Desde o início das civilizações sujeitos buscam modos de se comunicar uns com os outros. Na pré-história os homens utilizavam a pintura em cavernas como código comunicativo, no Egito antigo, hieróglifos, e assim as sociedades foram se desenvolvendo, cada qual significando o mundo ao seu modo com suas diferentes línguas e formas de linguagem.

Quando se trata do processo comunicativo verbal, temos a ocorrência de uma troca entre pares, pois é necessário um emissor para que o código seja enviado ao receptor, necessário também um contexto para que haja clareza na comunicação desse código, e por fim, que ambos conheçam o código (língua) em questão. Quando há discordância entre as línguas, é necessário recorrer à tradução, e esse procedimento, que mais tarde tratarei como “experimento”, por mais simples que pareça, possui diferentes facetas durante sua execução, vide os diferentes códigos existentes. Ao traduzir, portanto, são necessárias algumas reflexões. Que tipo de código está sendo traduzido? Quem o traduz? Para quem o traduz? E como traduz?

Partindo dessas reflexões, cada modalidade de texto exigirá tratamento distinto. Considere um manual de manutenção de uma máquina radiográfica, um texto majoritariamente injuntivo que deve ser o mais claro possível. Sua tradução não deve dar aberturas para possíveis erros de compreensão (o que ocasionaria dano ao equipamento) e deve apenas buscar instruir os trabalhadores. Nessa lógica, a tradução de um manual se caracteriza como um dos milhares de exemplos nos quais a tradução é usada como ponte, permitindo conexão entre diferentes sistemas linguísticos. E se a tradução importa para a troca de conhecimento entre línguas, como entender, nesse contexto, a tradução de obras literárias, e, por que motivos a diferenciamos de outras modalidades de tradução?

Esse artigo, portanto, buscará refletir sobre as especificidades da tradução literária, discutindo seus conceitos em experimentações de tradução na obra **Cuchulain of Muirthemne** da escritora irlandesa Lady Gregory. Trata-se de uma pesquisa com metodologia qualitativa, que relaciona o campo de Estudos da Tradução com os Estudos Culturais e Literários.

Antes de tudo, um trabalho de tradução literária pode ser visto como um trabalho de recriação. Teóricos como Costa (2005), Gentzler (2009), Brito (2012), entre outros, discutem esse processo pautando a figura do tradutor e a importância de que este/esta dialogue em suas

práticas com a ciência da tradução. Logo, compreende-se que o tradutor deve se munir de conhecimentos teóricos sobre o ato de traduzir, e essa é a proposta que inicia esse artigo: relacionar teorias da tradução que justifiquem o que aqui é proposto.

Em um segundo momento, discutiremos a obra de Lady Gregory, que reuniu e formatou, em **Cuchulain of Muirthemne** (1902), lendas e mitos dos povos celtas que habitavam a Irlanda. A obra narra os feitos do herói *Cuchulain* no Ciclo de Ulster. Aqui, direcionaremos a pesquisa para todo o entorno sociocultural do texto a ser traduzido, assim como a cena literária que o produziu. Lady Gregory foi figura central no movimento artístico nacionalista, nomeado “renascimento irlandês”, e tais tópicos evocam aprofundamento pois é no momento da pesquisa que circunda o texto alvo que o pesquisador toma para si o papel na divulgação cultural de uma obra.

Dentre as correntes preocupações que cercam o entendimento de qualquer tradução, à tradução literária acrescentamos um segundo nível, pois além das leituras, pesquisas e interpretações necessárias para a sua execução, cabe também ao tradutor transpor, do texto original ao texto na língua alvo, algo da percepção estética que sua leitura atenta pode detectar. Para tanto, no final desse artigo, análises de excertos traduzidos da obra de Gregory são apresentadas, tecendo considerações sobre as diferentes reações que advieram dessa experimentação tradutológica.

2. TRADUZINDO LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Se tratando de literatura, por muito tempo a atividade tradutória foi feita de maneira prática por apreciadores e críticos interessados em veicular textos literários em diferentes línguas. Ainda que essa prática não envolvesse teorização acadêmica, tradutores ao decorrer da história sistematizaram regras e métodos para a realização de suas traduções. Hoje, depois de contribuições diversas, adquire título de disciplina: “estudos da tradução”. Retirada de seu status marginal perante os estudos literários, passa a ser, enfim, reconhecida como ciência. Por se tratar de uma atividade que, além de transitar entre disciplinas de linguística e literatura, envolve criação artística por parte do tradutor, muitas foram as divergências teóricas na formulação de um conceito unificador que assegurasse o caráter científico dessa disciplina. Apresentarei aqui um breve histórico desse processo.

A complexidade em transpor um texto literário de uma língua para outra foi motivo de debate em diversos cursos ministrados na América do Norte nos anos 60/70, isso, em um momento no qual o campo de estudo já ganhava forças na academia. Mas essa discussão tem início ainda nos anos 20 com a premissa das oficinas de tradução realizadas aos pingos em cursos de leitura e escrita ofertados em algumas universidades.

Havard sediou a primeira dessas oficinas, ministrada pelo professor Ivor Armstrong Richards, em 1920, que, influenciado pela Nova Crítica buscava estudar e entender o texto literário na sua mais ampla profundidade, afirmando que, a perfeita compreensão resultaria na perfeita tradução e que, por esse caminho, tradutores conseguiriam até mesmo identificar em suas interpretações as intenções do autor ao escrever as obras-fonte, atrelando dessa forma a atividade tradutória ao nível da compreensão do texto sem considerar o processo criativo por trás disso.

Gentzler (2009), analisou com um viés historiográfico que, com o passar do tempo, outros críticos literários como Frederic Will e Zdanys também se propuseram a compreender o processo tradutório via oficinas, partindo da interpretação textual e análise comparativa. Destas propostas resultaram teorias que buscavam criar métodos unificados para uma atividade que é por natureza subjetiva: significar. Não à toa, os próprios autores anos mais tarde se auto refutam e entendem as limitações de suas abordagens.

O campo da tradução seguiu por mais um tempo sob contribuição de Críticos Literários. Uma das figuras centrais na desestabilização de conceitos pré-estabelecidos de tradução foi o autor, teórico e tradutor Ezra Pound, principal figura dentro do movimento Imagista inglês. Para Pound, a língua carrega uma carga de energia, e todas as palavras dentro

de um texto são carregadas de detalhes e imagens únicas. Logo, na tradução, essas imagens transcendem o texto e seus significados acabariam se inter-relacionando. Para ele o trabalho do tradutor se compara ao trabalho de um escultor, como se cada trecho de uma tradução fosse um processo de construção artística minuciosa na elaboração de uma obra de arte. (GENTZLER, 2009, p. 38-41)

Com o avanço das discussões em círculos acadêmicos diversos, a teoria tradutória se emancipou e ganhou cada vez mais adeptos nas investigações propostas. Na América do Norte, Lawrence Venuti e André Lefevere, se destacaram por cunhar conceitos como intraduzibilidade, a invisibilidade do tradutor, tradução e ideologias e a relação entre a tradução e os estudos culturais. Caminhando assim, até chegarmos nas teorias contemporâneas de desconstrução e tradução pós-colonial.

Essas discussões chegaram no Brasil e por vezes embasam o trabalho de tradutores e teóricos que aqui discutem e traduzem. O estudo de Venuti (1995) sobre a invisibilidade do tradutor, por exemplo, discute que, no processo de tradução, há uma tendência por parte do tradutor de tentar recriar a voz do autor do texto original e silenciar a sua, argumentando quanto as limitações desse ato e de que forma elas contribuem para a marginalização da atividade. Pensando esse status marginal, Paulo Henriques Brito (2012), tradutor e teórico brasileiro, em um trecho de sua obra sobre tradução literária nos revela o posicionamento anticientificista de alguns tradutores conhecidos, que afirmam não necessitar de teoria tradutória para desenvolver suas traduções. Ao expor essa realidade, o autor reforça os riscos da negação científica e defende a necessidade da classe de tradutores em reafirmar seu trabalho artístico sem deixar de lado toda a complexidade teórica dessa atividade. Logo, o tradutor é livre para escolher quais teorias lhe afeiçoam e como ele delegará seus processos tradutológicos. Seguindo, é claro, os princípios éticos.

O trabalho de Venuti (1995) chama atenção para a problemática da autoria e de que forma ela pode atuar como limitante criativa no fazer tradutório. A ideia de se aproximar fielmente do texto original acaba criando no tradutor o desejo de produzir um texto fidedigno e para Venuti, essa concepção que “(...) desvaloriza a tradução, é tão difundida que molda as autorrepresentações dos tradutores, levando alguns a psicologizar sua relação com o texto estrangeiro como um processo de identificação com o autor” (VENUTI de 1995, p.7) e, nesse processo, sua identidade enquanto tradutor é invisibilizada.

Quem traduz para a língua-alvo o trabalho que foi escrito na língua-fonte do autor, é por natureza diferente desse, sendo assim, impossível correspondência estética total. Brito

(2012) argumenta que, a meta “atingir a perfeição” é um objetivo comum entre muitos tradutores, ainda que inalcançável. Para ele, “(...) o tradutor literário deve ter consciência de que seu objetivo – produzir um texto que reproduza na língua meta, todos os aspectos de literariedade do texto original- é, em última análise, inatingível. (BRITO, 2012. p.54), inatingível pois, os textos (original e tradução) circulam em diferentes sistemas linguísticos, sociais e culturais. O que nos leva para a perspectiva de tradução pós-colonial.

Sob a luz dos estudos pós-coloniais, Susan Bassnett (1999) ao discorrer sobre o processo tradutório, se refere ao tradutor como um intérprete e mediador intercultural. Vide seu papel na mediação de duas culturas durante o fazer da tradução. É necessário entender que a tradução está relacionada com os ideais colonialistas de dominação, na qual a cultura tida como superior domina a inferior, sem perder seu status “original” e enxerga a cultura dominada como sua “cópia”. O que abre espaço para racialização, etnocentrismo e outras diversas manifestações de poder. Para ela:

“A tradução não ocorre num vácuo e sim no contínuo; ela não é um ato isolado, e sim parte de um contínuo processo de transferência intercultural. Além disso, tradução é uma atividade altamente manipulativa que envolve todos os tipos de estágio nesse processo de transferência através das fronteiras linguísticas e culturais. (BASSNETT, 1999, p.3)

Nesse sentido, ao trabalhar com um texto literário, além de traduzir as palavras de uma língua para outra, o tradutor traduz também todo um contexto social e cultural construído naquela narrativa. O uso da palavra “manipulação” se aplica nos momentos em que o tradutor tem que fazer escolhas na construção de seu texto, já que, algumas sentenças ou conceitos podem as vezes ser intraduzíveis ou sem tanta correspondência na língua alvo. Há um conceito dentro desse campo de estudos chamado “perdas e ganhos”, a ideia é que durante o processo tradutório, dependendo das escolhas que o tradutor fizer, a tradução poderá perder alguns de seus aspectos de sentido do texto na língua fonte ou ganhá-los na língua-alvo e vice-versa.

Cabe ao tradutor lidar com esses empecilhos e definir suas escolhas, como propõe Bassnett (2002): “O tradutor é, afinal, primeiro um leitor e depois um escritor e no processo de leitura ele ou ela deve tomar uma posição” (BASSNETT, 2002, p.83). Os “estágios” apontados pela autora referem-se ao longo preparo que o processo de tradução demanda, que vai desde a leitura e estudo do texto original passando pelo material de apoio (biografias, textos históricos e documentos) quando necessário, até chegar de fato ao ato tradutório.

Colaborando com a perspectiva pós-colonial nos estudos da tradução, Lefevere (2002) propõe em seu texto “Composing the other” (LEFEVERE, 2002, p.75-94) uma metáfora com grades para que se pense o processo de tradução. Em suma, no processo de decodificação teremos duas grades, a grade conceitual e a grade textual, uma não sobrepõe a outra, ambas estão em relação de socialização.

As grades são como a bagagem cultural que o sujeito (tradutor, escritor, leitor) possui, o que faz por exemplo com que uma obra sobre aborto choque mais que uma obra sobre assassinato para leitores brasileiros. Cada obra e sujeito tem sua própria grade. Quando há essa discrepância entre as grades cabe aos sujeitos negociarem os significados, pois no fim “as grades, em sua interação podem bem determinar como a realidade é construída para o leitor, não apenas da tradução, mas também do original.” (LEFEVERE, 2002, p.77). Nesse processo de compor o outro (tradução), portanto, é preciso pensar então em como os termos das diferentes grades serão entendidos em cada caso, para que haja de fato uma comunicação intercultural. Logo, ao traduzir literatura, também devemos levar em consideração as grades conceituais e textuais do texto em questão. Em nosso presente estudo, conheceremos agora algumas das grades do texto de Lady Gregory.

3. LADY GREGORY, CUCHULAIN E O RENASCIMENTO IRLANDÊS.

Lady Augusta Gregory, foi participante ativa do movimento literário denominado “Renascimento Irlandês” que teve início no final do século XIX. Nesse momento diversos autores se empenharam em assumir um posicionamento nacionalista e com identidade “puramente irlandesa”, vendo nisso, uma forma de resistir ao imperialismo inglês. Como resultado, crescente foi o interesse de escritores em se voltarem para a mitologia dos povos celtas que habitaram a Irlanda, invocando a parte mística desses povos e usando suas lendas e contos como aspecto temático de suas produções literárias, destacam-se os autores William Butler Yeats, Samuel Ferguson, Tomas Hyde e Russell. Outros artistas também somaram com esse movimento, fazendo com que suas produções não se limitassem a literatura, já que a música, o teatro e até mesmo algumas políticas públicas sentiram o impacto que o movimento se propôs a fazer. Nesse cenário, Lady Gregory (amiga e colaboradora de W. B. Yeats) por ser uma estudiosa do idioma gaélico, se empenhou na árdua tarefa de traduzir e tornar acessível as lendas do herói *Cuchulain*. Em um estudo realizado por Emma Russel (2014) sobre os artistas dessa cena literária, ao citar a figura de Lady Gregory, diz que:

“Assim como Yeats está posicionado como o pai do Renascimento, o predominate trabalho de Lady Gregory “Cuchulain de Muirthemne” (1904) assegurou que ela se estabelecesse firmemente como a mãe do folclore. Seus esforços na tradução da cultura oral gaélica tiveram como objetivo fornecer uma tradição impressa que permitisse ao público irlandês consumir o espírito popular do campo antes que a cultura morresse com os habitantes locais.” (RUSSELL, 2014, p. 10, tradução do autor¹)

Apresentar a obra de Gregory, requer, a priori, compreender o processo que a levou a existir. O texto **Cuchulain of Muirthemne**, é antes de tudo, uma tradução de manuscritos originalmente escritos em gaélico por monges que, em seus mosteiros, relataram as façanhas desse herói em um período conhecido como Ciclo de Ulster. É importante frisar que, não somente Lady Gregory (1902), trabalhou com esses manuscritos. Algumas experimentações foram feitas anos antes por Standish O’Grady (1894) em sua obra *The coming of Cuchulain* e, mais recentemente, por Liam MacUistin (1989) narrando a vida do

¹ “Just as Yeats is positioned as the father of the Renaissance, Lady Gregory’s predominant work, Cuchulain of Muirthemne (1904), ensured she was firmly established as the mother of folklore. Her efforts in translating the Gaelic oral culture was with the aim of providing a print tradition allowing the Irish public to consume the folk ethos of the countryside before the culture died with the locals”

herói na obra *The Táin: The Great Celtic Epic*. O fato é que as lendas sobre *Cuchulain* já circulavam no nicho acadêmico de estudos gaélicos há um tempo antes da empreitada de Gregory. No entanto, foi ela a responsável por traduzir e divulgar esse material com uma precisão até então não realizada. Sendo elogiada por autores como Yeats, que julgou a obra de Gregory como o melhor livro que a Irlanda recebeu até então.

Para a autora, no entanto, o trabalho de traduzir e coletar as lendas foi delegado, e não algo que partiu de suas aspirações como escritora. Em um trecho de sua dedicatória, ela escreve que se os autores e teóricos realmente respeitassem as produções da Irlanda, esses manuscritos teriam sido traduzidos, tendo em vista que esse material sempre esteve na Universidade de Dublin. Criticando assim a forma que alguns acadêmicos tratavam textos nacionais (GREGORY, 1970, p. 5)

Pierce (2002), assim como Russel (2014), estuda esse período reconhecendo o seu papel e os seus impactos. No fim do século XIX a Irlanda já se encontra moldada pelo imperialismo inglês. Mesmo com os esforços de alguns irlandeses anos antes, a Inglaterra adentrou os territórios desse povo, silenciou costumes culturais com a imposição dos seus ideais, anglicizou alguns termos e definiu a língua inglesa como idioma oficial. Causando, anos depois, um sentimento de perda identitária em parte da população, que cresceu longe do seu passado. Isso ocasionou o que Pierce (2002) definiu como “idealismo ancestral”: uma forma de reverter essa situação que seria, naquele momento, recorrer às narrativas e às artes do passado (ancestrais), quando essas não possuiriam, idealisticamente, a intervenção de terceiros.

No que diz respeito às narrativas folclóricas (por vezes tratadas como “mitológicas”), pensar sua circulação para além da tradição oral foi foco do trabalho de diversos participantes dessa cena. O autor e político Douglas Hyde, por exemplo, exigia que obras nacionais fossem lidas na escola, para que a identidade irlandesa não se apagasse. Nesse sentido, “Cada conto popular coletado por Yeats e Lady Gregory era mais uma munição na luta pela identidade separada.” (PIERCE, 2002, p.13). Com isso, observa-se que a obra **Cuchulain of Muirthemne** transcende de uma comum produção literária, para um texto de potencial referencial sobre a história e cultura de um povo (celtas). Simultaneamente um ato de resistência ao colonialismo inglês.

Os contos que constituem a obra relatam os feitos do herói irlandês Cuchulain de Muirthemne durante o Ciclo de Ulster, desde seu nascimento até sua morte. Sendo considerado uma reencarnação do deus Lug, Cuchulain é visto como um dos mais influentes

heróis dentre as figuras do folclore irlandês. Desde sua infância o herói demonstra ser corajoso e destemido, com habilidades de um real guerreiro.

No contexto da narrativa, temos uma disputa entre a deusa Medb e o rei Aillil, ambos, um casal que briga para decidir qual dos dois é mais rico. Em uma discussão, Medb descobriu que Aillil era mais rico, pois ele possuía um touro com poderes sobrenaturais então ela decidiu que teria o outro único touro mágico da região: Dun, o Touro Marrom de Cuailgne. No entanto, o dono não renunciou a seu animal e por esse motivo Medb e Aillil decidiram invadir Ulster com seus exércitos para roubar o animal. Porém foram surpreendidos por Cuchulain, que apenas com 17 anos, aniquilou todo um exército.

Uma das características mais tradicionais que referenciam o herói é sua “*ríastrad*” traduzido como “frenesi de batalha”. Quando ela se ativa o personagem se torna um monstro capaz de derrotar exércitos com sua fúria, destruindo tudo a sua frente sem conseguir sequer diferenciar amigos de inimigos. A narrativa segue, pautando os diferentes feitos do herói, o desfecho da busca pelo Touro de Cuailgne até chegar ao conflito final no qual Cuchulain é abatido e fica muito cansado, e, enfim, morre.

A obra de Gregory foi amplamente divulgada, buscando, é claro, atender a uma agenda nacionalista. Nas palavras de Yeats: “Nós, irlandeses, devemos manter esses personagens em nossos corações, pois eles viviam nos lugares onde hoje cavalgamos e fazemos compras, e às vezes eles se encontram nas colinas que projetam suas sombras sobre nossas portas à noite.” (YEATS *apud* GREGORY, 1970, p. 9², tradução do autor). Logo, observa-se que tais narrativas buscavam plantar no coração dos irlandeses um sentimento de orgulho e reverência pelos seus antepassados.

² “We Irish should keep these personages much in our hearts, foe they lived in the places where we ride and go marketing, and sometimes they have met one another on the hills that cast their shadows upon our doors at evening.”

4. EXPERIMENTAÇÕES TRADUTOLÓGICAS NA OBRA DE GREGORY: ALGUMAS REFLEXÕES.

Nesse momento do trabalho, buscarei analisar a traduções de um excerto da obra de Gregory realizada pelo autor, Hygor Brasil. Aqui, uso o termo “experimentação” para pensar o processo tradutório. Faço isso partindo do pressuposto de que não há forma fixa em uma tradução, cada tentativa produzirá um diferente resultado. Nesse contexto, as diferentes teorias atuam como reagentes, cada qual, quando postas em experimentação, promoverão diferentes reações e o tradutor é quem manipula esses materiais, é ele o cientista que analisa o que lhe serve ou não, vide seus objetivos.

A obra de Gregory sobre Cuchulain, por toda sua relevância e referencial histórico se classifica como um texto clássico, sendo esse um trabalho artístico que demanda muito tempo e esforço por parte do tradutor. São poucos os estudos sobre a obra de Gregory em língua portuguesa, conseqüentemente, não há tradução simultânea de sua obra. Ao discorrer sobre a tradução de textos clássicos, Gentzler (2009) busca em cartas de Ezra Pound entender como esse processo funcionava para o poeta. Tendo em vista que o tradutor é antes de tudo um leitor, Pound acreditava que “(...) não é a intuição, mas o conhecimento da língua, da história e da economia que permite a uma pessoa compreender os clássicos. (GENTZLER, 2009, p.45) usando-o como referência, nas traduções produzidas buscou-se compreender ao máximo o contexto do que estava se passando na narrativa, logo, em alguns momentos, no ato de tradução foram construídos no imaginário do tradutor e transpostos no texto noções sobre hierarquia, personagens, leis e costumes advindas das leituras e pesquisas realizadas anteriormente.

O conto inicial “Birth of Cuchulainn” apresenta o cenário de Ulster e o episódio que levou ao nascimento do herói. As reflexões quanto à experimentação serão realizadas tomando como base a tradução desse conto “O nascimento de Cuchulain”.

A história se inicia no palácio de Emain Macha. Já aqui, temos a primeira escolha da tradução, que se deu pelos nomes dos personagens, observe: Fergus, Conchubar, Detchire, Sualtim. Esses exemplos citados seguem a grafia da obra de Gregory em inglês, optei por mantê-los, já que, o leitor de Cuchulain bem possivelmente saberá que se trata de uma obra clássica irlandesa.

Ainda no palácio, chega o momento em que o personagem “*Lugh of The Long Hand*” traduzido como Lugh da Mão Longa aparece na forma de uma efemérida (uma espécie de

inseto) e pousa no copo de Dechtire, o que faz com que ela e suas cinquenta donzelas se transformassem em pássaros e voassem para longe de Emain Macha. Em outro momento, os homens de Emain perseguem estes pássaros e depois de muita perseguição, encontram uma casa, na qual está Detchire com suas donzelas, junto de um bebê.

Durante essa viagem, os homens de Ulster resolvem parar para dormir. Partindo para uma experimentação. Observemos os trechos abaixo:

[1] And when the dark night was coming on, Conchubar said to his people: "It is best for us to unyoke the chariots now, and to look for some place where we can spend the night." (GREGORY, 1970, p.22)

[2] E quando a noite escura se aproximava, Conchubar disse ao seu povo: "É melhor para nós soltarmos as carruagens agora, e procurar algum lugar onde possamos passar a noite.

[3] E quando a escuridão da noite chegou, Conchubar ao seu povo falou: "É melhor desarmarmos as carruagens por aqui, chegou, enfim, a noite, procuremos um lugar para dormir".

Aqui temos três trechos (1) o trecho original de Lady Gregory em inglês (2) uma tradução direta, palavra por palavra, (3) um trecho traduzido com o objetivo de produzir um efeito ritmado. Para um tradutor com certo apego pelas tendências tradicionais de tradução, talvez um trecho com as construções sintáticas do trecho (2) soe preferível na produção de seu texto, julgar o valor de uma tradução não nos cabe, o que deve se observar é que no trecho (3) as escolhas não corrompem o sentido do que é proposto na língua fonte. As rimas surgiram por pura vaidade estética, dentre as escolhas do tradutor, mostrando que, ao trabalhar com tradução literária não existe um modelo fixo e único a ser seguido. Ainda refletindo sobre escolhas, leiamos os trechos:

[1] I saw the man of the house, tall and open-handed and shining. (GREGORY, 1970 p. 23)

[2] Eu vi o homem da casa, alto, generoso e radiante.

O termo "*open-handed*", se traduzido literalmente, fica "mão aberta", o qual, tanto em português quanto em inglês, se refere à uma pessoa que não poupa gastos para ajudar os outros. Mesmo com equivalência de significação entre as duas línguas, opto por usar o termo "generoso", como vemos em (2). Isso pois acredito que o termo promove maior fluidez à leitura. Novamente, escolhas do tradutor.

A narrativa segue mostrando os feitos de Cuchulain até o seu crescimento. Chegando ao momento em que ele de fato vai para a guerra aos 17 anos. Nesse cenário, essa guerra ocorria pois a deusa Medb seguida por suas tropas estava interessada em roubar um Touro de chifres brancos com poderes sobrenaturais (The bull of Cuailgne) para assim, ser a mais rica da província de Ulster. Esse confronto é explanado no capítulo “The War for The bull of Cuailgne, traduzido como: A Guerra pelo touro de Cuailgne.

Em dado momento, misteriosamente todo o exército de Emain adoece e somente Cuchulain permanece em condições de lutar. Na obra, Cuchulain é retratado como o guerreiro mais forte de Ulster, todos o temiam, mesmo quando jovem. Ao decorrer da guerra o personagem entra em lutas com diversos guerreiros e exércitos, saindo vitorioso de todas elas. Dentre os feitos do herói durante a narrativa, destacam-se os momentos em que em um combate sangrento contra os exércitos de Medb, ele com sua lança capaz de perfurar todas as partes do corpo de seus adversários, após dizimar todas as tropas, entrou em um confronto de três dias contra seu antigo amigo Ferdiad. A luta foi desgastante, e mesmo saindo vitorioso, o herói ficou muito cansado. O touro acabou morrendo, e por fim, a busca de Medb só trouxe morte para todo o reino.

A obra de Gregory finaliza com o conto “Death of Cuchulain”, em que, após derrotada, a deusa Medb convence os filhos das vítimas de Cuchulain a se vingarem. O herói ainda estava muito cansado para lutar, sua mãe Detchire ainda tentou o impedir, mas ele não desistiu e seguiu para a batalha. Se aproveitando de sua condição fraca, os homens da Irlanda se organizaram para matá-lo, sendo um deles Lugaid, rei de Munster que acertou o herói com uma lança fatal, causando um ferimento incurável. Por fim, já derrotado, o herói se amarrou a uma pedra e esperou pelo seu fim. Confirmada pela chegada da deusa Moringan em forma de um corvo (Símbolo celta de morte). Seguindo a narrativa com lamentações de diversos personagens em linguagem poética, encerrando assim, o ciclo de vida do herói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traduzir literatura implica uma atividade bem mais artística do que técnica. Gregory, em sua empreitada tradutória, ao levar em conta suas escolhas e critérios, constrói as narrativas de Cuchulain e do povo Celta no Ciclo de Ulster. Propiciando para a Irlanda um texto que, para além do literário, tem papel político. Como visto anteriormente, para que a tradução literária aconteça, é necessário que o tradutor esteja ciente dos princípios que embasam essa atividade. Não obrigatoriamente de um conhecimento teórico profundo e epistêmico quanto às diversas abordagens no campo de estudo, mas se trata da “experiência” com o texto que se traduz e com seu entorno cultural: isso dará suporte para que o tradutor negocie os sentidos no ato de traduzir. Entendendo *experiência* como fruto da relação entre o tradutor e as pesquisas por ele realizadas, na perspectiva pós-colonial na qual ela é fator fundamental para que haja diálogo entre as traduções. Não há como pensar a atividade tradutória, com toda a sua complexidade, como uma atividade afastada do embasamento científico. Como pontua Genzler (2009), é necessário que os tradutores se afirmem enquanto pesquisadores, pois, são eles os agentes culturais empenhados em transitar entre duas línguas e culturas, tornando acessíveis textos que antes se limitavam a um só local.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. **Post-colonial Translation**, London: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.
- _____, Susan. **Translation Studies**, London: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COSTA, Walter. O texto traduzido como re-textualização in. **Cadernos de tradução** / Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Centro de Comunicação e expressão. Pós-graduação em estudos da tradução. N° 1. p. 25-53, 1996.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. São Paulo: Madras, 2009.
- GREGORY, Lady Augusta. **Cuchulain of Muirthemne: The Story of the Men of the Red Branch of Ulster**. Guernsey: Colyn Smythe, 1970.
- PIERCE, David. Cultural Nationalism and the Irish Literary Revival. In. **Internatonal Journey of English Studies / IJES**. University of Murcia, N° 2. p. 1-22, 2002.
- RUSSELL, Emma. The Celtic Twilight: Folklore and the Irish Literary Revival in. **The Journal of Publishing Culture** Vol. 2, 2014.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London and New York: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. Composing the other. In BASSNETT, Susan. **Post-colonial Translation**, London: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.

APÊNDICE A –

I.

O NASCIMENTO DE CUCHULAIN

Tradução de Hygor Brasil

Há muito tempo, Conchubar, filho de Ness, era o rei de Ulster e manteve sua corte no palácio de Emain Macha. Vindo dessa forma a ser rei. Ele era apenas um jovem rapaz, cujo pai já não vivia mais. E Fergus filho de Rogh, que na época era rei de Ulster, pediu a mão de sua mãe Ness em casamento.

Ness, que já fora considerada a mais quieta e gentil das mulheres em toda a Irlanda, agora tornara-se cruel e traiçoeira por causa de uma crueldade que lhe fora feita, e ela planejava tomar o reino de Fergus para o seu próprio filho. Então ela pediu a Fergus: “Deixe Conchubar governar por um ano para que os filhos dele possam ser chamados de filhos de um rei, essa é a minha parte do casamento que peço a você.

“Você pode fazer isso” disseram-lhe os homens de Ulster; “Embora Conchubar receba o nome de rei, é você quem será nosso rei o tempo todo.” Então Fergus concordou e tomou Ness como esposa, fazendo de seu filho Conchubar, rei de Ulster em seu lugar.

Mas durante todo o ano, Ness esteve trabalhando para manter seu filho no reino, e deu grandes presentes aos chefes de Ulster para levá-los ao lado dela. Conchubar embora fosse muito jovem naquele tempo, era bem sábio em seus julgamentos, corajoso em batalha, amigável e bom de forma, e todos gostavam muito dele. No final do ano, quando Fergus solicitou que a realeza retornasse a ele, eles se consultaram e o que todos concordaram que era Conchubar quem deveria continuar a ser rei. Eles disseram “Fergus pensou pouco em nós quando esteve tão pronto para desistir de seu domínio sobre nós por um ano; então deixe Conchubar manter seu reinado” concluíram com “e deixe Fergus manter a esposa que tem”.

Certo dia, Conchubar estava fazendo um banquete em Emain Macha para o casamento de sua irmã Dechtire com Sualtim, filho de Roig. Durante a festa Dechtire sentiu sede, e lhe deram um copo de vinho, e enquanto ela bebia uma efemérida voou para dentro do copo, e ela, sem perceber a bebeu com o vinho. Ela logo entrou para a sala ensolarada acompanhada pelas suas cinquenta donzelas e adormeceu profundamente. Enquanto ela dormia Lugh da Mão Longa apareceu para ela dizendo: “Sou eu mesmo a efemérida que no teu copo pousou, e é comigo que tu agora deves vir, trazendo tuas cinquenta donzelas junto a ti.” E ele as transformou em um bando de pássaros que voaram com ele para o sul até chegarem a Brugh

em Boinee, na moradia dos Sidhe. E ninguém em Emain Macha recebeu notícias ou ouviu histórias sobre elas. Ninguém soube para onde elas tinham ido e o que havia acontecido.

Cerca de um ano depois do ocorrido houve outro desses banquetes em Emain, Conchubar e seus chefes estavam sentados à mesa quando de repente viram pela janela um enorme bando de pássaros, que se acenderam do chão e começaram a devorar tudo à sua frente, de modo que não restasse uma folha de grama sequer.

Os homens de Ulster ficaram irritados quando viram os pássaros destruindo tudo à sua frente, e ordenaram que nove de suas carruagens os seguissem. Conchubar estava em sua própria carruagem, e seguiram com ele Fergus filho de Rogh, Leageaire Buadach, o Campeão de Batalhas, Celthair filho de Uithecar, Bricriu da língua amarga e muitos outros seguindo junto.

Eles seguiram os pássaros por todo o país em direção ao sul, através de Slive Fuad, por Ath Garach e Magh Gossa, Entre Fir Rois e Fir Ardae; onde quer que os pássaros fossem. Eles eram os pássaros mais bonitos que já haviam sido vistos. Havia nove bandos, unidos dois em dois com uma corrente de prata; e no início de cada bando haviam dois pássaros de cores diferentes, ligados com uma corrente de ouro, além de três pássaros voando sozinhos, indo todos diante dos carros até o fim do país, até que então a noite chegou e nenhum pássaro se avistou.

Enquanto a escuridão se aproximava, Conchubar ao seu povo falava “é melhor pararmos as carruagens por aqui, chegou a escuridão da noite, devemos procurar um lugar para dormir. ”

Então Fergus seguiu em busca de algum lugar, e tudo que encontrou foi uma casa muito pequena de aparência pobre. Um homem e uma mulher estavam lá, e quando o viram disseram: "Traga seus companheiros aqui junto com você e eles serão bem-vindos." Fergus foi até seus companheiros e lhes contou o que tinha visto. Mas Bricriu disse: “De que adianta entrar numa casa assim, sem cômodo, nem conforto, nem coberturas; não vale a pena ir lá.

Então Bricriu dirigiu-se pessoalmente ao local onde ficava a casa. Mas quando ele chegou lá, o que viu foi uma casa grande, nova e bem iluminada; na porta havia um jovem muito alto e bonito usando uma armadura reluzente. Ele disse: "Entre em casa, Bricriu; por que você está só olhando?"

E havia uma jovem ao lado dele, fina e nobre, com o cabelo encaracolado, que disse: "Certamente há boas-vindas de minha parte a vocês." "Por que ela me dá as boas-vindas?" disse Bricriu. "É por causa dela que eu mesmo vos recebo", disse o jovem. "Diga-me, não há

ninguém faltando no palácio de Emain?" Falou. "Certamente há", disse Bricriu. "Perdemos cinquenta meninas no período de um ano." "Você as reconheceria novamente se as visse?" disse o jovem. "Só se eu não as conhecesse", disse Bricriu, "pois um ano pode fazer várias mudanças nelas, de modo que eu não teria certeza." "Tente conhecê-las novamente", disse o homem, "pois as cinquenta donzelas estão nesta casa, e esta mulher ao meu lado é sua amante, Dechtire. Elas foram transformadas em pássaros, são elas que foram a Emain Macha trazer você até aqui." Então Dechtire deu a Bricriu um manto púrpura com franjas douradas; e ele voltou para encontrar seus companheiros. Mas enquanto ia, pensou consigo mesmo: "Conchubar daria um tesouro enorme para reencontrar essas cinquenta meninas, e sua irmã junto. Não direi a ele que as encontrei. Direi apenas que encontrei uma casa com belas mulheres nela, e não mais do que isso. "

- Quando Conchubar viu Bricriu, pediu notícias a ele. "Quais notícias que você traz, Bricriu?" disse. "Cheguei a uma bela casa bem iluminada", disse Bricriu; "E vi uma rainha, nobre, gentil, com aparência real e cabelos cacheados; eu vi uma tropa de mulheres, lindas e bem-vestidas; vi o homem da casa, alto, generoso e radiante." "Vamos passar a noite lá", disse Conchubar. Então eles trouxeram suas carruagens, seus cavalos e suas armas; e mal estavam em casa quando todo tipo de comida e bebida (que algumas eles conheciam e outras não), foram colocadas diante deles, de modo que eles nunca passaram uma noite melhor. E enquanto eles comiam e bebiam e começavam a se satisfazer, Conchubar disse ao jovem: "Onde está a dona da casa que não vem dar-nos as boas-vindas?" "Você não pode vê-la esta noite", disse ele, "pois ela está com dores de parto.

Então eles descansaram lá naquela noite, e pela manhã Conchubar foi o primeiro a se levantar; mas não viu mais o homem da casa, o que ouviu foi o choro de uma criança. Ele foi para o quarto de onde o choro vinha, e lá viu Dechtire com suas donzelas ao seu redor e uma criança pequena ao lado dela. Ela deu as boas-vindas a Conchubar, contou-lhe tudo o que lhe acontecera e que o havia chamado ali para trazer a si mesma e a criança de volta a Emain Macha. Conchubar disse: "É muito bondoso o que fizestes por mim, Dechtire; você abrigou a mim e as minhas carruagens; manteve os meus cavalos aquecidos; alimentou a mim e ao meu povo, e agora você nos deu esse presente bonançoso. Deixe nossa irmã, Finchoem criar a criança", disse ele. "Não, não cabe a ela educá-lo, é a mim", disse Sencha, filho de Ailell, juiz-chefe e poeta-chefe de Ulster. "Pois eu sou hábil; sou bom em disputas; não sou esquecido; falo diante de qualquer pessoa na presença do rei; eu zelo pelo que ele diz; eu

julgo nas discórdias de reis; eu sou juiz dos homens do Ulster; ninguém tem o direito de contestar minha reivindicação, mas apenas Conchubar. "

"Se a criança for criada por mim", disse Blai, o distribuidor, "ela não sofrerá por falta de cuidado ou por esquecimento. São minhas mensagens que fazem a vontade de Conchubar; convoco os guerreiros de todos Irlanda; sou bem capaz de prover tudo para eles por uma semana, ou mesmo por dez dias; eu resolvo seus negócios e suas disputas; eu apoio suas honras; eu tiro satisfação por seus insultos. "

"Você se vangloria muito" disse Fergus. "Sou eu que vou criar essa criança; sou forte; tenho conhecimento; sou o mensageiro do rei; ninguém pode se levantar contra mim em honras ou riquezas; estou em boa forma para guerras e batalhas; sou um bom artesão; sou digno de criar um filho. Eu sou o protetor de todos os infelizes; os fortes têm medo de mim; eu sou o ajudante dos fracos. "

"Se você finalmente pode me ouvir, agora que está quieto", disse Amergin, "sou capaz de criar uma criança como um rei. Todos elogiam minha honra, bravura, coragem e sabedoria; todos elogiam minha sorte, minha idade, o modo que falo; meu nome, meu valor e a minha raça. Embora eu seja um lutador, sou um poeta; sou digno do apoio do rei; eu venço todos os homens que lutam em suas carruagens; não devo satisfações a ninguém, exceto Conchubar; até porque eu não obedeco a homem nenhum somente ao rei.

Então Sencha disse: "Deixe Finchoem ficar com a criança até chegarmos a Emain, e Morann, o juiz, resolverá a questão quando estivermos lá."

Então os homens de Ulster partiram para Emain, Finchoem segurava a criança com ela. E quando eles chegaram lá, Morann deu seu julgamento. "Conchubar deve ficar com a criança", disse ele, "ele ajudará a criança a ter um bom nome, pois é o seu parente mais próximo; Sencha lhe ensinará à falar; Fergus sempre ajudará a criança e Amergin será seu tutor. " E completou: "Esta criança será elogiada por todos, pelos condutores de carruagens e guerreiros, por homens sábios e reis; ela será amada por muitos homens; irá vingar todos os seus erros; defenderá seus vaus e lutará todas as suas batalhas. "

Assim foi decidido. E a criança foi deixada até atingir a idade adequada, com sua mãe Dechtire e com seu marido Sualtim. Eles o trouxeram à planície de Muirthemne, e o nome pelo qual ele era conhecido era Setanta, filho de Sualtim.